

A Música e suas Determinações Materiais

Revista ECO-Pós v. 23, n. 1, 2020

A música tem poder encantatório, faz o corpo mexer, pode convocar o ouvido passivo à audição atenta. Ela é etérea mas pode criar em nós, aparentemente do nada, energia e movimento. Esse poder era considerado perigoso por figuras tão distintas como Platão e João Calvino, mas foi nosso ponto de partida no dossiê sobre a música e suas determinações materiais. Convidamos pesquisadorxs a apresentar trabalhos que lidassem com essa zona de contato entre som e concretude, escuta e contexto social, vibração e corpo.

Há muito tempo a música como objeto de pesquisa atravessa fronteiras disciplinares e sua história é bastante longa na área de comunicação. Entre as questões que nos impulsionaram, no *call for papers*, estava a vontade de publicar recursos que auxiliem no entendimento da música para além das letras (crítica que já foi frequente aos estudos da música popular dentro e fora da área disciplinar da Música é que “não dá para analisar as letras de canções sem a música”) e dos contextos do consumo musical. Buscávamos trabalhos que enfatizassem a música (e as músicas) como algo que, como som e sentido, nos organiza e nos orienta na vida, assim como desafia ordens e gera atritos. Também queríamos lançar considerações sobre a música e o som como objetos de pesquisa materiais sem pensar imediatamente no mercado - o acachapante vale-tudo da fase neoliberal do capitalismo -, cuja relevância temática também se deve à herança da teoria crítica e dos estudos da cultura de massa. Desejávamos abrir mais um espaço para a existente e fértil interseção entre os Estudos de Som, Música e Comunicação. Enfim, queríamos colocar em circulação recursos para a reflexão e pesquisa em música que auxiliassem

professorxs e estudantes em suas buscas – muitas vezes caracterizadas pela alegria – nos arquivos vivos e mortos da música popular.

É com essa alegria da descoberta que apresentamos, na capa e na seção “Portfólio” da revista, imagens feitas a partir da própria voz pela cantora Margaret Watts Hughes (1847-1907), usando sua invenção, o *eidophone*, cujo nome se refere a *eidos* - forma, tipo ou ideia, em grego. Estamos acostumades com imagens de sons na forma de sulcos ou dígitos gravados em discos, que raramente têm interesse estético além de sua eficiência sonora. As imagens de Watts Hughes nos colocam o dilema de imaginar – a partir de belos objetos materiais – a relação entre sua aparência e um som produzido mais de um século atrás; elas nos chegam como fantasmas desse som e de sua genial inventora, por muito tempo esquecida, vanguarda quase nunca revelada. Somos muito gratas pela generosidade de Rob Mullender-Ross, o pesquisador cujo trabalho nos levou a essas imagens e que as explica em uma breve e fundamental introdução.

Abrimos o dossiê com dois textos de arquivo, isto é, produzidos no passado e relevantes hoje. São uma contribuição para a discussão da cultura afro-diaspórica, suas políticas de representação e formas de ser, fazer e pensar. O primeiro, do poeta e filósofo Fred Moten, é o primeiro capítulo de seu livro *In the Break: The Aesthetics of the Black Radical Tradition*, de 2003. Elaborado a partir das dificuldades postas pela violência da história dessa diáspora (dificuldades entendidas como de representação e apropriação), o texto é feito na fronteira entre a definição e a evocação do que é próprio da cultura *Black* - e não disponível à cultura dominante. Em diálogo com Saidiya Hartman, Hortense Spillers e Edouard Glissant, e com e contra Marx, o autor aborda a materialidade fônica da escravização como intrínseca à performance *Black*, tomando como emblema o grito da tia Hester descrito pelo ex-escravizado Frederick Douglass em sua *Autobiografia*, de 1845, assim como as “canções desesperadas” dxs escravizadxs que Douglass descreve logo depois. O grito é tido como um registro sonoro que continuamente retorna e persiste, repete e reverbera, figurando como

“externo tanto à música quanto à fala na música e na fala pretas”, formando o que Moten chama de “quebra” na linguagem comum, psicanalítica e musical. Trata-se de texto seminal que lida com o musical-sonoro em sua dimensão material, uma intervenção filosófica para tratar simultaneamente de música e resistência cultural, arte e política, e é relevante para abordagens históricas e contemporâneas da música e performances afro-diaspóricas. É nossa grande felicidade publicar esse texto em português na brava tradução de Matheus Santos, que traça um caminho atrás de Moten, entre a explicação e a indicação do que quer descrever.

Em “A Dominância Sônica e a Festa de *Sound System* de Reggae”, de Julian Henriques, também de 2003, traduzido por Bernardo Girauta, entramos na questão da materialidade da música por outro caminho: através dos sistemas de som de reggae na Jamaica—aparatos móveis para a produção e mixagem de largos volumes sonoros e que ao longo das últimas décadas se tornaram instituições equivalentes às igrejas locais e aos times de futebol. Apontando para a capacidade imersiva e envolvente das festas com sistemas de som em alto volume, e para as festas de *sound system* como um estado liminar fabricado por excessos, Henriques nos convida a pensar a dominância sônica: o poder e o prazer do sônico em uma experiência visceral de escuta que toma conta do espaço, dos corpos, e da multidão. O autor aborda um contexto em que a música reconhecida como aquilo que dá à Jamaica seu perfil global é consistentemente rejeitada por grande parte das classes médias e elites—que se ancoram numa crítica aos prazeres do corpo, ao despudor, aos excessos, aos corpos que insistem em não se colocarem eretos, tensos e reprimidos (algo que soa familiar a muitos dos atravessamentos preconceituosos de escutas de gêneros populares no Brasil). Henriques propõe que a teoria reconheça aquilo que já está incorporado na prática acerca do sônico e, em gesto que hoje reconhecemos como comum e marcante dos Estudos do Som, desafia o regime dos sentidos e a tradição científica filosófica e social ocidental nas suas tendências a privilegiar o visual como fonte do conhecimento sobre todos os outros.

Entre os textos inéditos do dossiê consta mais uma tradução: um ensaio de sensibilidade ímpar do pesquisador porto-riquenho César Colón Montijo. Em “Mi Jaragual: Masculinidade precária, soberania e farmacolonialidade aural na salsa de Ismael ‘Maelo’ Rivera”, o autor propõe uma escuta-escrita da salsa “Mi jaragual” cantada pelo cantor afro-porto-riquenho Maelo, e contribui para um debate interseccional sobre masculinidades, tendo em vista um contexto em que os homens que reproduzem o heteropatriarcado são também aqueles cujas vidas precárias são objetos da violência farmacolonial pelos Estados Unidos. Em contraponto ao texto de Montijo, “A escuta opositora de canções brasileiras: negociando sentidos entre performances e versões”, das pesquisadoras Lucianna Furtado e Laura Guimarães Corrêa, aponta para as maneiras pelas quais ouvintes e intérpretes brasileiras navegam crítica e afetivamente uma música popular marcada pelo sexismo, pela heteronormatividade, pelo racismo e pelo classismo. Aqui, o conceito de “olhar opositor” de bell hooks serve de âncora para a proposta de uma “escuta opositora”, que subverte os sentidos da música e aponta para “como o prazer da escuta musical pode ser atravessado e, principalmente, enriquecido pelo ato de interrogar criticamente.”

Ainda no registro dos estudos de canções e suas escutas, em “O Big Bang tropicalista: mediações sensíveis entre os Beatles e Banda de Pífanos de Caruaru (PE)”, Amilcar Almeida Bezerra e Luiz Claudio Ribeiro Sales Fonseca fazem uma leitura da Tropicália a partir da teoria ator-rede de Bruno Latour, e propõem que um canção dos Beatles exerceu papel mediador relevante no encontro de Gilberto Gil com a Banda de Pífanos de Caruaru e, por sua vez, na deflagração do movimento cultural que se tornaria famoso nos anos 60 no Brasil. Já em “Timbre como diferenciação para além do gênero musical: materialidades e semioses nas obras de Rakta e KOKOKO!”, de Nilton F. Carvalho e Marcelo Bergamin Conter, entramos em um debate que busca tensionar categorias musicais a partir de enfoque no timbre, entendido como “qualidade sonora que opera afetivamente, forçando diferentes corpos sonoros a se

misturarem entre si.” Esta qualidade que atravessa as dimensões rítmicas, melódicas e harmônica sem ser, todavia, nenhuma delas, serve aqui para os autores abrirem um horizonte crítico que leva a ideia de gênero musical a uma situação limite, em diálogo com os estudos das Materialidades da Comunicação, Teorias do Afeto e a Semiótica da Cultura.

A complexa e paradoxal categoria “*world music*” ganha centralidade no artigo de Lúcia Campos: “Como capturar uma *world music* em circulação? Etnografia do grupo Siba e a Fuloresta em festivais europeus”. Campos acompanha de perto a circulação do grupo Siba e a Fuloresta por dois festivais europeus, e investiga a fabricação de ideias de diversidade e de Brasil que se dá nestes contextos, tendo em vista as escutas e valorações de “músicas Outras” na Europa. Já dentro das fronteiras do país, Marcelo Argôlo e Nadja Vladi Gumes propõem uma análise sócio-comunicacional do projeto formado pelas cantoras Larissa Luz, Luedji Luna e Xênia França, parte da cena contemporânea de música pop de Salvador, em “A cor dessa cidade sou eu: ativismo musical no projeto Aya Bass”. Centrades no que denominam como um ativismo musical das Aya Bass, xs autorxs buscam entender “como essas artistas questionam exclusões étnico-raciais e desigualdade de gênero em uma performance intermediada pela música,” e perguntam-se sobre a experiência da cidade que este projeto artístico proporciona.

Luciana Requião contribui para as pesquisas sobre a relação entre música, gênero e trabalho, ao abordar em “Mulheres musicistas e suas narrativas sobre o trabalho: um retrato do trabalho no Rio de Janeiro na virada do século XX ao XXI” as transformações ocorridas no mundo do trabalho musical nesta última transição de século, sob a perspectiva de dezenove mulheres musicistas atuantes no Rio de Janeiro no período. Já em “Racionais MCs, Indústria cultural, mercadoria e periferia”, Luciane Soares da Silva aborda a produção musical de um dos mais famosos grupos de hip hop do país fugindo ativamente das expectativas de seu lugar de “intelectuais orgânicos”. A autora investiga a maneira que os artistas apresentam sua relação com a mercadoria

em suas letras e como, assim, desfazem e refazem o significado de bens de consumo como carros, motos, relógios, bebidas, tênis e outros objetos.

Levando-nos para além do estritamente musical, e mais precisamente para o âmbito dos efeitos sonoros em obras audiovisuais, em “Sons alterados: Uma perspectiva arqueológica sobre efeitos sonoros”, José Cláudio Siqueira Castanheira debruça-se sobre esse tema ainda pouco abordado academicamente. O autor partilha seu caminho pelos campos da arqueologia das mídias, da acustemologia, dos estudos do som e estudos do cinema, propondo enquadramentos teóricos para lidar com esse complexo objeto. Pedro Silva Marra e Ana Beatriz Moreto do Vale também situam sua intervenção numa pergunta ampla sobre o sonoro em “Uníssonos e balbúrdia - sonoridades de protestos e manifestações políticas de rua no Brasil”. O artigo, de tema pertinente e atual, estuda a sonoridade das manifestações, protestos e comícios políticos no Brasil entre 2013 e 2019 e propõe que “duas técnicas sônicas”, o uníssonos e a balbúrdia, cristalizam “em vibrações sonoras as propostas, demandas e questões levantadas por diferentes formas de ação política nas ruas.” Em contrapartida, pensando também a cidade e seus sons, mas por via distinta, “O estudo dos usos dos sons nos cinemas cariocas a partir dos restos (1895-1916)” de Danielle Crepaldi Carvalho investiga as sonoridades das salas de exibição no Rio de Janeiro no período do cinema silencioso correspondente ao “primeiro cinema” e sua relação com um imaginário da cidade no período. Nesta pesquisa arquivística, a autora se debruça sobre o entrecruzamento entre o cinema e as demais manifestações culturais da capital em período que antecede a institucionalização da música no espetáculo cinematográfico segundo modelos estrangeiros.

Finalmente, publicamos a entrevista, por Luíza Alvim, de João Guilherme Ripper, compositor que também atua como professor da UFRJ e gestor de instituições como a Sala Cecília Meireles e o Theatro Municipal do Rio de Janeiro. A conversa transita pelas suas composições de ópera, o caminho que o levou até esse gênero

musical e a história e as condições contemporâneas de encenação de óperas. Ripper aborda os desafios que permeiam a produção, circulação e recepção de óperas no Brasil, e nos convida a identificar nosso estranhamento diante do gênero e nos aventurar a assistir esse tipo de espetáculo verbo-voco-musical em busca de descobertas e prazeres. E, nessa nota de despedida, informamos que tínhamos como proposta inicial incluir também um artigo seminal de Ana Maria Ochoa Gautier, “Transculturação sonora, epistemologias de purificação e a esfera pública aural na América Latina”, mas apesar do interesse da autora e nosso imenso esforço de negociação com a editora inglesa, detentora dos direitos autorais, não nos foi cedida a permissão de publicar o texto a não ser em troca de US\$1 mil, que evidentemente não dispomos. A edição da tradução desse texto, já atualizado, ainda acontecerá um dia.

Lançamos a chamada deste dossiê ainda em fins de 2019, em tempos já pesados e de muitas falências, mas ainda sem antever o tamanho das políticas de morte que nos aguardavam no ano porvir. Publicar o dossiê de uma revista acadêmica em tempos de pandemia, colapso socio-econômico-político, desincentivo à pesquisa, e de projetos atuantes de desmonte das universidades públicas no país, não resulta de um esforço simples tampouco solitário. Navegamos tempos densos e agradecemos profundamente a todes que fizeram a construção deste dossiê ser possível enquanto o chão se move e racha sob nossos pés: axs pesquisadores que submeteram seus trabalhos, axs pareceristas cegos, à equipe editorial e axs tradutorxs, revisorxs e diagramadorxs que juntaram forças para que este número da revista fosse publicado.

Enquanto a matéria dos mundos em choque nos desafia a recolocar nossos corpos em relação uns aos outros e a atentar criticamente para nossas formas de escutar, esperamos que a riqueza desses escritos ressoe e faça algo vivo e potente vibrar em vocês.

Dossiê **A Música e suas Determinações Materiais** – <https://revistaecopos.eco.ufri.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 23, n. 1, 2020

DOI: 10.29146/eco-pos.v23i1.27541

O primeiro número da Revista Eco-Pós de 2020 também conta com uma entrevista inédita com o cineasta estadunidense Ken Jacobs, realizada em Nova York por Rodrigo Sombra, egresso do PPGCOM/UFRJ. A conversa ocorreu em dezembro de 2018, em meio ao processo de impeachment do presidente Donald Trump, um dos assuntos que serão tratados ao longo das páginas. A entrevista também toca em pontos fundamentais da trajetória artística do cineasta, como seu início de carreira, a proximidade com outros nomes importantes do cinema americano, bem como seus de próprios filmes e a linguagem do *found footage* que desenvolveu como poucx. Esse encontro intitulado “A ilusão real” é uma oportunidade para conhecer o pensamento de um dos nomes mais originais da arte cinematográfica.

A Seção Perspectiva da atual edição é composta por seis artigos relacionados ao campo da Comunicação e Cultura, um destes, inclusive, é uma contribuição internacional de Vincenzo Susca, professor de Sociologia do Imaginário na Universidade Paul-Valéry (Montpellier, França). Sua publicação explícita como a série televisiva *Black Mirror* é uma importante reflexão acerca da sociedade contemporânea. O texto foca em alguns episódios em particular, estabelecendo uma relação com autorxs de várias áreas. Já o artigo “Ritmo e arrastamento (relé entre o individual e o coletivo)”, de Vinícius Portella Castro, discute dois conceitos da física: “arrastamento” e “ressonância”, isto feito para “pensar a propagação cultural na forma de ciclos rítmicos coletivos”. A discussão se insere na atual “ecologia materialista dos meios de comunicação”, e mobiliza teóricos como Isabelle Stengers, Hans-Ulrich Gumbrecht, Manuel Delanda, Kodwo Eshun, entre outrxs. O professor Rafael de Luna (UFF) e a pesquisadora Natália Teles Silva Fróes assinam o artigo “Carlos Fonseca e o cinema conservador carioca”, que aborda a carreira Carlos do Amaral Fonseca (1930-2006), crítico, produtor e gestor, nome importante na história de instituições como a Cinemateca do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro e o Instituto Nacional de Cinema. Fonseca é um dos integrantes de um grupo descrito como “cinema

conservador carioca”, que teve atuação entre as décadas de 1950 a 1970. O artigo propõe uma abordagem detalhada da sua vida e obra. Ainda no âmbito do cinema, a Eco-Pós disponibiliza “Chats perchés (2004) de Chris Marker: arte e política em Paris pelo olhar de um gato sorridente”, escrito por Miguel Angel Lomillos, professor da Universidade Federal do Maranhão. A análise se concentra no filme *Chats perchés* (2004), realizado em um contexto bastante conturbado da geopolítica internacional. O debate político, por sinal, também é uma questão presente em “Possibilidades e limites do conceito de “mito político”: aspectos genealógicos e operacionais da noção nos estudos de Comunicação”, de Angela Cristina Salgueiro Marques, Anita Gonçalves Hoffmann e Luis Mauro Sá Martino. Elxs se perguntam justamente: “o que é um mito político?”. A resposta é estruturada a partir de alguns segmentos: a genealogia do conceito; o significado contemporâneo do termo propriamente dito; e as relações entre mito e entretenimento. O último artigo da seção Perspectiva deste número é “Apanhador (Não Tão) Só: acontecimento em rede e as afetações de uma ruptura de coerência expressiva”, de Beatriz Polivanov, Ronaldo Henn, Jonas Pilz e Beatriz Medeiros, que estuda um caso de 2017 referente a banda gaúcha Apanhador Só, em que uma ex-companheira de um dos integrantes do grupo, fez uma publicação em suas redes sociais a respeito do comportamento abusivo do músico. A análise dxs autorxs utilizam esse fato para compreendê-lo como ciberacontecimento, demonstrando seus efeitos imediatos e repercussões na comunidade musical.

Por fim, encerramos essa publicação da Revista Eco-Pós com duas resenhas relacionadas a teorias de gênero. Camila Mendonça e Cíntia Albuquerque se debruçam sobre o livro “O que é lugar de fala?”, (2017) de Djamila Ribeiro, o primeiro trabalho de uma coleção intitulada “Feminismos Plurais”, que tem como objetivo tratar de questões concernentes ao feminismo contemporâneo de maneira didática e acessível. A outra resenha é “Teorias de gênero e os movimentos feministas: uma análise sobre Girls”, de Brena O'Dwyer. A autora se concentra no terceiro episódio da última

temporada da série televisiva *Girls*, apontando as tensões presentes nesta narrativa entre teorias de gênero e movimentos feministas.

A Revista Eco-Pós ainda publicará outros dois números no segundo semestre de 2020. O editor Lucas Murari é o organizador do Dossiê “O Pensamento Ecológico” (v. 23, n.2), que deve ser lançado nos próximos meses. E as editoras Liv Sovik (PPGCOM/UFRJ) e Maria Bogado, em parceria com a pesquisadora Lígia Lana (PUC-Rio), são as responsáveis pelo último Dossiê, “Crise, Feminismo e Comunicação” (v.23, n.3), com previsão de publicação no final deste ano corrente. As adversidades e desafios de editar a Revista tem sido muitas em meio a pandemia de COVID-19, em especial na interação com autorxs e pareceristas, que acumulam as atividades laborais e domésticas nesses tempos de confinamento. Agradecemos mais uma vez a todxs que contribuíram com o atual número, e nos regozijamos em disponibilizar mais uma edição inteiramente digital, gratuita e toda inédita em português. Desejamos uma boa leitura!

Liv Sovik (UFRJ)

Lucas Murari (UFRJ)

Maria Fantinato (Columbia University)

Com a colaboração da Equipe Editorial da *Revista ECO-Pós*.

EXPEDIENTE

EDITORES ADJUNTOS

Beatriz Jaguaribe, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Liv Sovik, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

EDITOR EXECUTIVO

Lucas Murari, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

EDITORES ASSISTENTES

Alexandre Kenichi Gouin, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Luíza Alvim, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Dossiê **A Música e suas Determinações Materiais** – <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 23, n. 1, 2020

DOI: 10.29146/eco-pos.v23i1.27541

Maria Bogado, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Nicholas de Andueza Sineiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Phillippe Sendas de Paula Fernandes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Vinícius Ferreira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

COORDENADOR DE REVISÃO

Pedro Neves, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

REVISÃO

Augusto Flamaryon Cecchin Bozz, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Ribamar José de Oliveira Junior, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

DIAGRAMAÇÃO

Kenzo Soares Seto, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Lucas Murari, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Ana Paula Goulart Ribeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Andrew Calabrese, University of Colorado, Estados Unidos
Antônio Fausto Neto, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Ben Singer, University of Wisconsin, Estados Unidos
Bruno Campanella, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Dênis de Moraes, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Erick Felinto, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Francisco Rüdiger, PUC-RS, Brasil
Guillermo Mastrini, Universidade de Buenos Aires, Argentina
Gunhild Agger, Universidade de Aalborg, Dinamarca
Horace Newcomb, Georgia University, Estados Unidos
Itania Gomes, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Kátia Lerner, Fundação Oswaldo Cruz, Brasil
Luis Albornoz, Universidad Carlos III de Madrid, Espanha
Luis Felipe Miguel, Universidade de Brasília, Brasil
Lynn Spigel, Northwestern University, Estados Unidos
Márcia Benetti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Marco Antonio Roxo da Silva, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Maria Helena Weber, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Maria Immacolata Vassalo Lopes, Universidade de São Paulo, Brasil
Mateus Araújo, Universidade de São Paulo, Brasil
Michael Schudson, Columbia University, Estados Unidos

Mirta Varela, Universidade de Buenos Aires, Argentina
Muniz Sodré, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Othon Jambeiro, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Vanessa R. Schwartz, Universidade de Princeton, Estados Unidos
Vera França, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

PARECERISTAS DA EDIÇÃO

Achylles Costa Junior, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Adriana Amaral, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Alex Sandro Martoni, Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Brasil
Alisson Machado, Universidade Federal Santa Maria, Brasil
Ana Lúcia Enne, Universidade Federal Fluminense, Brasil
André Gonçalves de Oliveira, Universidade Estadual de Campinas, Brasil
Ariane Holzbach, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Beatriz Medeiros, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Beatriz Polivanov, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Bruno Nogueira, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Carlos Gerbase, Pontifícia Universidade Católica/Rio Grande do Sul, Brasil
Cíntia Sanmartin Fernandes, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil
Daniela Rosa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Fabio Camarneiro, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
Felipe Gue Martini, Centro Universitário FSG, Brasil
Felipe Trotta, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Fernando Morais da Costa, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Gabriela Almeida, Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), Brasil
Graziela Andrade, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Hudson Lima, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
India Mara Martins, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Isabel Nogueira, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Ivan Capeller, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Janete da Silva Oliveira, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil
Jean Carlos Pereira da Costa - *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, França
Joelle Rouchou, Casa Rui Barbosa, Brasil
Jorge Cardoso Filho, Universidade Federal da Bahia, Brasil
José Cláudio Castanheira, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Julio Cesar Sanches, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Ednei de Genaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Kelly Tatiane Martins Quirino, Universidade Nacional de Brasília, Brasil
Kywza Fideles, Centro Universitário Faculdade Boa Viagem - UniFBV/WYDEN, Brasil
Laila Rosa, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Larissa Grandi Vaitsman Bastos, Universidade Nacional de Brasília, Brasil

Leandro Rodrigues Lage, Universidade da Amazônia, Brasil
Leonardo de Marchi, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil
Leonardo Moraes Batista, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Leticia Cantarella Matheus, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil
Lígia Lana, Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro, Brasil
Lúcia Campos, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Luiz Felipe Zago, Universidade Luterana do Brasil, Brasil
Lyana Virgínia Thédiga de Miranda, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Maria Cristina Franco Ferraz, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Maria Clotilde Rodrigues, Universidade de São Paulo, Brasil
Nadja Gumes, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil
Nelio Ribeiro Moreira, Universidade Federal do Pará, Brasil
Pablo Gonçalo, Universidade Nacional de Brasília, Brasil
Pablo Laignier, Universidade Estácio de Sá, Brasil
Patricio Dugnani, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
Paula Sibilia, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Pedro Mendonça, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Pedro Silva Marra, Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
Pedro Vinicius Asterito Laperla, Universidade Federal Fluminense / Fundação
Biblioteca Nacional, Brasil
Ramusyo Brasil, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão,
Brasil
Rafael Grohmann, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Renato Essenfelder, Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), Brasil
Rodolfo Caesar, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Rodrigo Carreiro, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Rodrigo Fonseca e Rodrigues, Fundação Mineira de Educação e Cultura, Brasil
Rogerio Luiz Covalski, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Samuel Araújo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Shannon Garland, *Columbia University*, Estados Unidos
Simone Pereira de Sá, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Tadeu Capistrano, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Tarcisio Torres Silva, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil
Tatiana Lima, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Thiago Soares, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Tiago Alves de Moraes Sarmento, Sociedade de Estudos Psicanalíticos de Juiz de Fora, Brasil
Vladimir Santafé, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Wladimir Machado, Universidade Federal do Vale do São Francisco, Brasil